

Preservar ou não preservar a memória? Com a palavra, um projeto em defesa da História.

PRESERVAR ou não a memória? Com a palavra, um projeto em defesa da história. Campinas, Jornal de Domingo, 19 jan. 1986.

Preservar a memória do trabalhador assalariado e defender o patrimônio histórico e cultural de Campinas e Região. No papel, a proposta da Secretaria Municipal de Cultura, Esportes e Turismo. Na prática, o esforço de uma grande equipe que tenta levar adiante um projeto amplo, iniciado ano passado com um estudo aprofundado de recuperação da memória do trabalhador ferroviário de Campinas. Contudo, entre o papel e a prática, as dificuldades de uma realidade social pouco afeita à História. Como prova, a interrupção, nesta terça-feira passada, de uma exposição que deveria se encerrar hoje na estação da Fepasa. O motivo: depredação parcial de alguns painéis.

— Não dá para avaliar o motivo ou as causas por que isso aconteceu, pois, antes, já havíamos levado a exposição, que é itinerante, para outros pontos até menos vigiados e nada havia acontecido. Só que tivemos de encerrá-la um pouco antes por causa desse problema.

Célio Roberto Turino de Miranda, historiógrafo e coordenador do Museu Histórico Municipal é quem explica o projeto desenvolvido pela Secretaria de Cultura. "Na verdade, isto faz parte da política já desenvolvida na Secretaria em relação à preservação do patrimônio histórico. Dessa forma, o resgate da memória do trabalhador, nos aspectos social, cultural e de costumes, dia-a-dia, é importante. Poderíamos ter adotado a pesquisa ao material institucional, de bibliotecas. Porém, optamos por uma pesquisa que visasse o chamado "acervo informal", ou seja, depoimentos de pessoas, material que estas guardaram etc..."

Tendo o apoio de entidades ligadas à história das ferrovias em Campinas e Região — como as de aposentados da Mogiana, Paulista e Funilense —, o projeto inicial ainda está, porém, em andamento. "Não há um tempo previsto para o seu fim. Na realidade, o sucesso de todo o projeto maior depende desse. Só que é necessário que mais pessoas se interessem por ele, façam doações de material ou, até, nos emprestem material de época para fotografarmos, copiarmos em xerox ou de outras formas."

Célio de Miranda mostra que doações já houveram — como documentos e uma coleção de revistas da Mogiana, dos Anos 40. Mas todo o material referente à história das ferrovias e dos ferroviários é importante e pode ser enviado ao Museu Histórico, no Bosque dos Jequitibás ou com contatos feitos pelo telefone 31-0555, ramal 372.

— A exposição que realizamos serviu mesmo como forma de intrigar e instigar as pessoas em relação à preservação do passado, da memória, despertando-lhes o interesse quanto ao resgate de simples documentos.

Por isso mesmo o coordenador do Museu Histórico Municipal não consegue entender a tentativa de depredação dos painéis. Mas nem por isso a exposição ou o projeto terão fim. Os painéis devem estar ainda este mês na Estação de Tanquinho, no museu da Associação Brasileira de Preservação Ferroviária. O projeto se mantém, a todo o vapor. "Talvez as pessoas ainda

não estejam habituadas a ver importância em muitas coisas, mas acredito tudo vá mudar."

#### Um novo museu

E nesta esperança de Célio de Miranda está a própria dinâmica que o setor de museus no complexo do Bosque dos Jequitibás está tomando. Em março, por exemplo, a cidade receberá um novo museu de História Natural.

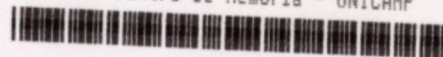
— O museu estará de cara nova e, posso até dizer, com um processo inédito no país. Através de um convênio entre a Rhodia e a Prefeitura Municipal, obteve-se a reforma geral do prédio e do espaço físico. Na sua reabertura teremos um novo espaço de prateleiras e aquários, nova iluminação e sonorização adequada, estagiários e monitores para as crianças, maior número de dados explicativos e outra novidade: haverá uma exposição fixa e outra destinada a exposições temporárias.

As exposições temporárias, terão o caráter de mostrar temas atuais ou polêmicos, na área de História Natural, que estiverem acontecendo. Com uma duração média de três meses, elas serão renováveis, numa das salas do museu. A primeira será sobre pragas na agricultura. O museu, que terá como prioridade a mostra da flora e da fauna da região, manterá ainda atividades especiais e animais empalhados e vivos com os quais as crianças terão condições inclusive de tocar.

— Por isso mesmo estamos preparando uma nova ambientação e a execução de aquários e terrários de plantas e pequenos animais. As atividades especiais continuarão e um dos tópicos essenciais do museu será a preservação da vida animal na Terra. Assim, uma das estantes, com animais em extinção, terá uma cor diferente, para chamar a atenção a esse problema. Pois essa é a nossa forma de agir: Preservar. Nunca matamos nenhum animal para o acervo do museu. Os conseguimos através de convênios com zoológicos, depois da morte destes.

Para Célio de Miranda, "o complexo dos museus do Bosque dos Jequitibás certamente, alterado e dinamizado, manterá esse ano o aumento constante de visitação que já vem ocorrendo há quatro anos, com 10% de acréscimo de público a cada ano". Em 85 os dados mostram mais de 150 mil visitantes. Por isso mesmo a recuperação de peças — que está em andamento — é atualmente uma das prioridades em todos os museus. "Afim, afirma, não adianta só se expor se o material não for também conservado, já que, com o tempo e a deterioração, ele se perderá."

Com um novo complexo de museus e um trabalho constante com a população — alertando-a da necessidade da preservação de sua história — Célio de Miranda crê que, aos poucos, a mentalidade geral deva mudar e que cenas de encerramento de uma exposição por motivos de depredação da mesma não ocorram mais. "É importante afinal mostrar o que há em nossa História e a necessidade de mant-la. Acreditamos que uma nova mentalidade vá surgir. Trabalhamos para isso."



PRESEVAR ou não a memória? Com a palavra, um projeto em defesa da história. Campinas, Jornal de Domingo, 19 jan. 1988.



O estudo inicial do projeto de memória da classe trabalhadora de Campinas e Região enfoca a importância das ferrovias e dos ferroviários.



Para Célio de Miranda, a partir desse projeto a consciência de preservação na cidade pode mudar.